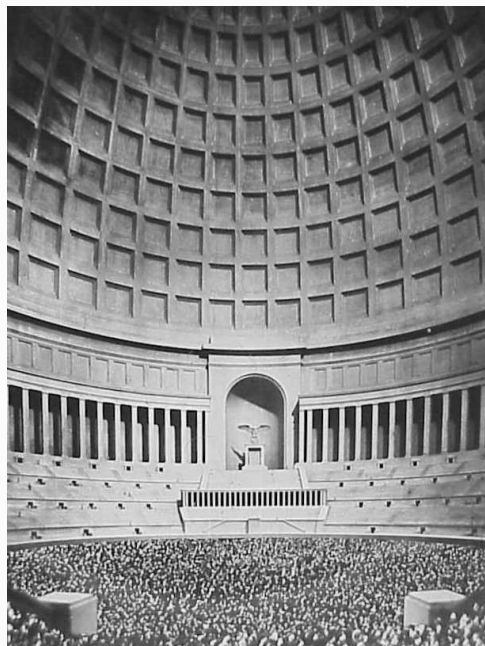


Frederico Mourão Bernis

MIMESIS E CÓPIA

O uso de modelos na arquitetura de Hitler.



**Trabalho Monográfico de Conclusão da
disciplina História da Arquitetura e do
Urbanismo.**

Professores:

Celina Borges Lemos
Carlos Antônio Leite Brandão

**Belo Horizonte
Escola de Arquitetura da UFMG
2006**

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	3
2. ANÁLISE	4
2.1. A cidade de Berlim	4
2.2. O Grande Domo	7
2.3. O arco do triunfo	10
3. CONCLUSÃO.....	12
4. BIBLIOGRAFIA.....	13

1. INTRODUÇÃO

Meu talento para a pintura parecia sobrepujado pelo talento para o desenho, sobretudo no domínio da arquitetura. Ao mesmo tempo, crescia cada vez mais meu interesse pela arte das construções. Mais vivo ainda se tornou esse interesse quando, aos dezesseis anos incompletos, fiz minha primeira visita a Viena, visita que durou duas semanas. Ali, fui para estudar a galeria de pintura do "Hofmuseum", mas quase só me interessava o próprio edifício do museu. Passava o dia inteiro, desde a manhã até tarde da noite, percorrendo com a vista todas as raridades nele contidas, mas, na realidade, as construções é que mais me prendiam a atenção. Durante horas seguidas, ficava diante da Ópera ou admirando o edifício do Parlamento. [...] Em pouco tempo, convenci-me de que um dia deveria ser arquiteto¹. (HITLER)

A discussão acerca da utilização do espaço construído como instrumento de manipulação das massas foi a razão inicial da escolha da Arquitetura Nazista como tema deste texto. Ao longo do processo, outras questões interessantes dentro do campo da História da Arquitetura e Urbanismo foram surgindo: a forte ligação de Hitler com a arquitetura, sua percepção da importância da relação entre a cidade e o habitante, além da busca de modelos que pudessem ser utilizados para representar o espírito do Nacional Socialismo e propagá-lo ao povo germânico, garantindo e facilitando a manutenção do seu poder.

Essa busca de modelos existentes, seja na Arquitetura Clássica, seja em cidades rivais contemporâneas a Hitler, parece uma oportunidade interessante para confrontar dois conceitos distintos do campo da arquitetura - a mimesis arquitetural e a cópia revivalista.

A ambição deste trabalho será tentar explicar a arquitetura nazista a partir da análise dos projetos de uma cidade, um edifício e um monumento, para ter elementos suficientes para estabelecer, ao longo do texto, uma discussão acerca dos conceitos de mimesis e cópia.

¹ HITLER, Adolf. **Minha luta** = Mein Kampf. São Paulo: 1983.

2. ANÁLISE

2.1. A cidade de Berlim

Ninguém se apegará a uma cidade que nada mais oferece aos seus habitantes do que quaisquer outras, que deixa de satisfazer às exigências individuais e, na qual, criminosamente, se lhes nega tudo que tenha a aparência de obras de arte ou produtos culturais. (HITLER, op. cit.)

O projeto para a cidade de Berlim, assim como quase toda a arquitetura e urbanismo nazistas, não busca ser inovador. Ao invés disso, o que se pode perceber é uma estratégia de eleição de cidades que servem como modelo a ser superado. No caso específico de Berlim, Albert Speer, o arquiteto responsável pelo projeto, deveria criar uma cidade que pudesse ser motivo de orgulho para o povo alemão mesmo quando comparada à Roma fascista ou Paris. Uma cidade que fosse o centro da Europa.



FIGURA.01 – Hitler e o arquiteto Albert Speer em visita à Paris

Berlim seria ordenada a partir de um eixo norte-sul que deveria suplantiar a Champs Elyseés e ao longo do qual seriam dispostos monumentais edifícios públicos (FIG. 01). A parte norte desse eixo teria papel importante no espaço da cidade. Ali seria o lugar de

uma grande praça com área de 350.000m², rodeada pelos edifícios de maior importância política e também maior escala dentro do contexto da cidade: o palácio de Hitler, a sede do Alto Comando do Exército Alemão, o Reichstag (Parlamento) e o Volkshalle. Este último, também conhecido como “Grande Domo”, um templo gigantesco para o povo ariano inspirado no Pantheon Romano, deveria ser o maior e mais importante edifício da capital (FIG. 02).



Figura 02 – Maquete de Albert Speer para Berlim: o Arco do Triunfo, o eixo norte-sul e o Volkshalle.

A modificação radical do espaço era absolutamente necessária no conceito do Führer, que com isso queria proclamar para a Alemanha e para o resto do mundo o avanço do Nacional Socialismo. O espaço monumental, as grandes avenidas, os edifícios e espaços públicos gigantescos eram projetados com o intuito de celebrar o poder e a glória da raça ariana e influenciar o povo alemão. A cidade era moldada com o intuito de moldar também as pessoas.

A escala e o estilo de todos os edifícios na cidade estavam sobre o controle estatal para servir ao ideal Nacional Socialista. Deveria haver sempre uma hierarquia nítida na locação e na qualidade das construções: Neoclassicismo monumental para edifícios públicos e oficiais em contraposição a pequenas casas estandardizadas em estilo tradicional alemão (FIG. 03). Cabia ao governo destacar os grandes edifícios públicos da grande massa de construções privadas.



FIGURA 03 – O Volkshalle em maquete de Albert Speer

Os espaços de uso público precisavam desse destaque para que o nazismo alcançasse o objetivo de unir o povo germânico em torno de seus ideais. A monumentalidade demonstra a vontade do Führer de criar espaços que abriguem sempre multidões. O cidadão nunca está só. A cidade, assim purificada e esterilizada,

na concepção nazista jamais dará espaço para qualquer tipo de contaminação social ou manifestação contrária ao governo.

As praças são usadas como palco para a experiência comunitária. Nelas, comícios espetaculares protagonizados por Hitler visavam sempre conquistar o povo alemão e transformá-lo numa massa única, com os mesmos propósitos e desejos, onde não haveria espaço para vontades individuais (FIG. 04). Ou seja, no caso de Berlim, a estratégia nazista não se baseava em criar uma cidade adequada ao povo alemão. Ao contrário, o que se buscava era criar um novo povo adequado à nova cidade nazista.



FIGURA 04 – Hitler analisa maquete dos edifícios públicos.

2.2. O Grande Domo

Mesmo em pleno fausto da Roma dos últimos tempos, ocupavam o primeiro lugar não as vilas e palácios dos burgueses, mas os templos e as termas, os estádios, os circos, os aquedutos, as basílicas, etc... Todas construções do Estado e, por conseguinte, de todo o povo. [...] O que para a Antigüidade representava a Acrópole ou o Pantheon, representava, para a Idade Média, apenas a igreja gótica. Essas obras monumentais elevam-se como gigantes ao lado das mesquinhas construções de madeira ou de tijolo das cidades da Idade Média e constituem ainda hoje o sinal característico de uma época...(HITLER, op. cit.)

Hitler imaginava como coroamento do eixo norte-sul de Berlim o mais importante dos seus edifícios públicos: o Volkshalle - um templo gigantesco para a celebração do povo germânico. Para esse edifício, o Führer havia escolhido como exemplo o Pantheon Romano, tendo inclusive feito para o arquiteto Albert Speer um croqui com sua idéia inicial para o edifício (FIG. 05). No caso da arquitetura dos edifícios públicos, a escolha do estilo Clássico como modelo a ser superado era fundada no desejo nazista de recuperar uma época marcada pelo poder do povo ariano. Os símbolos eram importados da cultura grega e do Império Romano sob a alegação de que estes seriam os verdadeiros ancestrais do povo alemão.



FIGURA 05 – Croqui de Hitler para o Volkshalle

O edifício público na arquitetura nazista deveria ter um forte caráter simbólico que extrapolasse sua função primeira. Nesse caso, antes de servir como templo para as multidões, o Volkshalle necessitava mostrar para a cidade a grandiosidade e o poderio alemão. De acordo com Albert Speer, o arquiteto do Volkshalle: “O edifício, para o Führer, não é apenas uma maneira de passar o tempo. Mais do que isso, é a forma de expressar na pedra a vontade do movimento Nacional Socialista”². Nesse caso, essa

² SPEER, Albert. *The Fuhrer's Buildings* [online]. Disponível na Internet: <<http://www.calvin.edu/academic/cas/gpa/ahbuild.htm>>

vontade do movimento Nacional Socialista era de grandeza, e ela se expressa na arquitetura de forma literal através do gigantismo do edifício, apropriando-se não só da forma, mas também do significado da arquitetura do Pantheon, pervertendo-o para difundir o ideal Nacional Socialista.

A partir desse ponto, começam a se tornar nítidas as diferenças entre a mimesis que comanda o Pantheon e a cópia que dá origem ao Volkshalle. Toda a arquitetura do Pantheon é baseada numa tentativa de interpretação do Universo que celebra seu povo guerreiro. Com o Pantheon, tem-se uma arquitetura em que “o edifício adquire sua excelência, sua arche, ao enviar-nos à origem, ao mundo, ao Criador, ao modelo cósmico, à natureza”³. A abertura zenital em sua cúpula simboliza uma unificação entre o divino e o terreno, reflete “a confiança que o homem deposita em si mesmo”⁴.

Hitler percebe o poder do interior do Pantheon e vê nisso a possibilidade de influenciar o cidadão germânico. Para celebrar o povo germânico e a guerra, ele busca como modelo exatamente o edifício clássico que celebrava o povo guerreiro. Sobre sua visita ao Pantheon Romano, o Führer declarou:

From the time I experienced this building – no description, picture or photograph did it justice – I became interested in its history [...] For a short while I stood in this space (the rotunda) – what majesty! I gazed at the large open oculus and saw the universe and sensed what had given this space the name Pantheon – God and the world are one.⁵ (Giesler)

A idéia de cópia fica mais clara quando comparamos os interiores dos dois edifícios (FIG. 06). O espaço é praticamente idêntico, não fosse pela escala monumental do Volkshalle. Em lugar do templo que simboliza a chegada do céu à Terra, o que se propõe para o Grande Domo de Berlim é um espaço que servisse de tribuna, onde Hitler discursaria para audiências de até 180.000 pessoas. A intenção primordial do

³ BRANDÃO, Carlos Antonio Leite. *A formação de homem moderno vista através da arquitetura*. Belo Horizonte: UFMG, 1987.

⁴ Idem.

⁵ GIESLER, Hermann. *Ein Anderer Hitler: Bericht Seines Architekten Erlebnisse, Gespräche, Reflexionen, 2nd Edition (Illustrated)*, Druffel, 1977.

Führer era utilizar a força do espaço conseguida pelo Pantheon romano para a divinização da sua própria figura junto ao povo alemão.

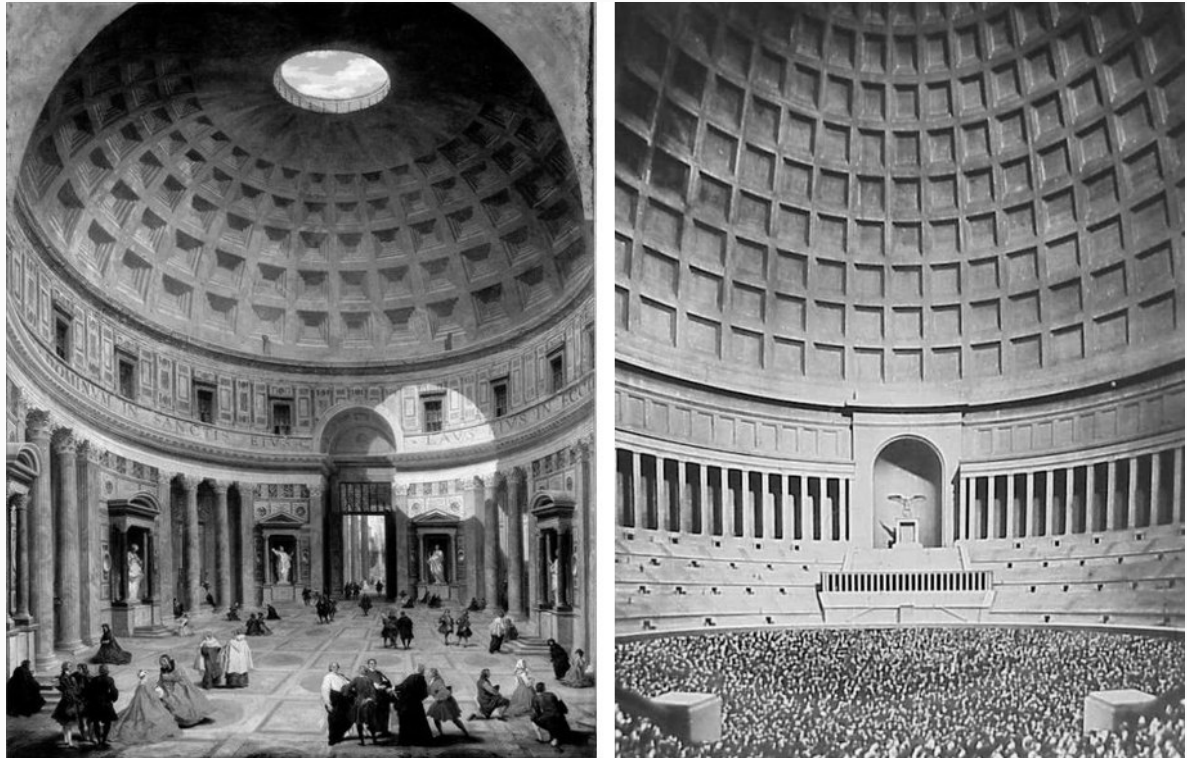


FIGURA 06 – Imagens do Pantheon (à esquerda) e do Volkshalle (à direita).

2.3. O Arco do Triunfo

A nova cidade de Berlim teria também uma nova e importante função: celebrar a vitória do nazismo. Através de seus monumentos, a cidade deveria contagiar os moradores, enchendo-os de confiança e certeza em relação ao governo, além de criar uma noção de orgulho alemão que seria indispensável para o apoio popular à guerra. Dentro desse contexto, o Arco do Triunfo de Hitler se destaca por sua localização estratégica no eixo norte-sul de Berlim, onde funcionaria como moldura para os principais edifícios públicos (FIG. 07).

Assim como fez em relação ao Volkshalle, Hitler assume a função de arquiteto, entregando a Albert Speer um croqui, copiando o Arco do Triunfo francês (FIG. 08).

A escala exagerada, mais uma vez, tem o propósito da intimidação e da demonstração do poder alemão. O monumento germânico supera o francês em tamanho numa tentativa de mostrar ao seu próprio povo a sua superioridade.

É interessante salientar que o Arco do Triunfo alemão é anterior a qualquer triunfo de Hitler. Na verdade, funcionaria mais como um instrumento da vitória, uma vez que sua intenção era provocar no povo alemão uma vontade de auto-sacrifício pela pátria e uma glorificação da guerra como instrumento necessário à manutenção do progresso do país. O símbolo da vitória, aqui, ao contrário do monumento francês, é construído antes de qualquer vitória.



FIGURA 07 – Vista do Volkshalle emoldurado pelo Arco do Triunfo de Hitler.



FIGURA 08 – Croqui de Hitler para o Arco do Triunfo

3. CONCLUSÃO

O que Hitler sempre almejou foi uma cidade repleta de edifícios públicos e monumentos que pudesse ser a capital do mundo. Berlim precisava superar todas as outras capitais. Ao invés de inventar um novo lugar, a estratégia nazista foi, tanto na escala da cidade, quanto na dos edifícios e monumentos, a de copiar modelos pré-existentes. Não há, na arquitetura nazista, a interpretação aliada à invenção do espaço.

Seria simplista, entretanto, afirmar que os edifícios do Führer representassem apenas sua megalomania e fossem desprovidos de teoria. Não se trata da mimesis do Classicismo, mas também não se trata de ignorância da importância do caráter do edifício. Há ali uma teoria, sim, mas que não é própria: é copiada ou pervertida para atender ao ideal nazista. Quando Hitler copia o Pantheon, no Volkshalle, ele está copiando o edifício em si e se aproveitando do poder daquele espaço para atingir suas metas totalitaristas. Com o argumento de projetar uma cidade para o povo alemão, o que o Führer realmente faz é projetar para ele próprio.

A cúpula nazista tinha consciência desse poder simbólico da arquitetura e usava-o na criação de todo um cenário propício à sua manutenção no poder. Arquitetura copiada e simbolismo reaproveitado em prol de uma cidade que fosse didática e ensinasse ao povo alemão exatamente o que fosse do interesse de Hitler. Usando desse poder didático da arquitetura aliado à propaganda nazista, o Nacional Socialismo conseguiu conquistar um povo e convencê-lo dos ideais mais absurdos.

Comprimindo o povo alemão em multidões, tratando o sujeito apenas como parte constituinte da grande massa, esterilizando o espaço público, Hitler consegue anular o indivíduo em favor de um ideal que era, em princípio, só seu. Argan, em seu livro *Projeto e Destino*, defende que não se projeta nunca “para”, e sim “contra” alguma coisa. Hitler projetava contra a liberdade do indivíduo.

4. BIBLIOGRAFIA

ARGAN, Giulio Carlo. *Projeto e destino*. São Paulo Ática, 2000.

BRANDÃO, Carlos Antonio Leite. *A formação de homem moderno vista através da arquitetura*. Belo Horizonte: UFMG, 1987.

GIESLER, Hermann. *Ein Anderer Hitler: Bericht Seines Architekten Erlebnisse, Gespräche, Reflexionen, 2nd Edition (Illustrated)*, Druffel, 1977.

HITLER, Adolf. *Minha luta = Mein Kampf*. São Paulo: 1983. 427 p 1v.

KRUFT, Hanno-Walter. *A history of architectural theory: from Vitruvius to the present*. London: Zwemmer; New York: Princeton Architectural Press, 1994.

SCOBIE, Alexander. *Hitler's State Architecture: The Impact of Classical Antiquity*. University Park: Pennsylvania State University Press, 1990.

SERENY, Gitta. *Albert Speer: sua luta com a verdade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

SPEER, Albert. *The Fuhrer's Buildings* [online]. Disponível na Internet: <http://www.calvin.edu/academic/cas/gpa/ahbuild.htm>

VAZ, Oscar de Vianna. *Entre as palavras e as coisas* [online]. Disponível na Internet: <http://www.arquitetura.ufmg.br/ia/IA9online/entrepalavrascoisasOSC.htm>